JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

A VIUVINHA

1ª EDIÇÃO: 1857

INTRODUÇÃO:
Augusto de Sênior
(Amauri Carius Ferreira)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 03

I 08
II 12
III 16
IV.....21
V 25
VI 29
VII 33
VIII 39
IX ... .42
X 45
XI 49
XII 54
XIII 59
XIV 68
XV 76
XVI 83

INTRODUÇÃO

Romance de leitura agradável**,** leitura que faz prisioneiros. Não concordamos côa a opinião do autor que diz ser o *"romance"* uma *pequena história de amor*.

O texto é instigante, transformador de conceitos**,** acreditamos que essa *leitura* passará aos milênios, e continuará contribuindo na *formação de leitores.*

Na verdade, no conceito de *Literatura* está embutida a sobrevivência da escrita e *"A viuvinha"* (1860) de José Martiniano de Alencar (1/05/1929 a 12/12/1877) tem todos os ingredientes para sobreviver.

Podemos incluir a *obra* juntamente com *Diva, Lucíola e Senhora* como *romance urbano*, sendo ambientado no Segundo Reinado Brasileiro (1831 – 1889), e narrado na Cidade do Rio de Janeiro (Morro de Santa Teresa, Bairro da Glória, Rua do Ouvidor, Rua do Sabão, Rua da Lapa, etc.).

Seus personagens principais possuem nomes fictícios, isto é, fantasiosos, imaginários, *Jorge da Silva*, para o herói romântico, que depois de muitas trapalhadas, recupera o raciocínio e vai à procura de sua amada e *Carolina* (mocinha sonhadora, romântica, fiel e casadoira) e, como todo romance romântico, depois de muitas aventuras (e desventuras), as personagens principais, terminam em seu *happy end.*

Alencar, como em grande parte de sua obra, é maravilhosamente descritivo, detalhista em seus ambientes e paisagens.

A *alma* do romance é bem simples: Jorge da Silva herda a fortuna de seu pai e vive por três anos uma vida dissoluta e destrói um patrimônio de duzentos contos de réis (guardada a devida proporção, seria como se uma pessoa, atualmente, gastasse no mesmo espaço de tempo a soma de duzentos mil reais), até que um dia descobre-se falido, endividado e totalmente pobre, isto é, desprovido de mínimos recursos (fato comunicado por seu tutor e amigo, o Sr. Almeida).

Para sua infelicidade maior, está de casamento marcado com a jovem e bela Carolina, menina de aproximadamente uns quinze anos, bela e faceira, olhos castanhos e expressivos (“A viuvinha” que nomeia o *romance*) para não manchar-lhe a honra, casa-se com ela, mas na noite de núpcias embebeda, com licor e algumas gotas de ópio, a jovem esposa e foge, com intuito de suicídio, pouco tempo depois é encontrado nas construções da Santa Casa de Misericórdia um cadáver desfigurado e com o seguinte bilhete dentro de uma carteira no bolso da sobrecasaca:

"Peço a quem achar o meu corpo o faça enterrar imediatamente, a fim de poupar à minha mulher e aos meus amigos esse horrível espetáculo. Para isso achará na minha carteira o dinheiro que possuo.

Jorge da Silva

5 de setembro de 1844”.

Por ser o cadáver, presumivelmente de um homem jovem, tudo indica tratar-se de Jorge.

Então, nesse ponto, o romance dá um salto de cinco anos no tempo

Nessa parte, podemos encontrar uma definição interessante de José de Alencar para *"negociante*", ou seja, o homem que tem por profissão gerir os seus próprios negócios.

A grande surpresa só é revelada no final da história, quando a *viuvinha*, que se tornara a sensação dos salões da época é cortejado por um homem desconhecido, Carlos Freeland, ou seja, o próprio Jorge da Silva que "regressara" da morte, pagara todas as suas dívidas, recuperando assim o bom nome da família.

A emoção fica para o capítulo final (XVI) onde Jorge da Silva revela-se, Carolina, finalmente entrega-se à paixão pelo marido, D. Maria, mãe de Carolina, ao tomar conhecimento do fato sofre um desmaio ao ver o sogro "vivo", o casal muda-se para uma fazenda (não há referências sobre o nome) e são felizes para sempre.

Este *romance* de Alencar, e sua principal personagem feminina, como muitos outras seguem a *linha* das atuais telenovelas, poderíamos também "classificar" a personagem *Carlota* como mais um

dos *perfis femininos* de José de Alencar (*Diva, Lucíola e Senhora*) na linha clássica do Romantismo (1836 – 1881).

A D...

Janeiro de 1857.

I

Se passasse há dez anos pela Praia da Glória, minha prima, antes que as novas ruas que abriram tivessem dado um ar de cidade às lindas encostas do Morro de Santa Teresa, veria de longe sorrir-lhe entre o arvoredo, na quebrada da montanha, uma casinha de quatro janelas com um pequeno jardim na frente.

Ao cair da tarde, havia de descobrir na última, das janelas o vulto gracioso de uma menina que aí se conservava imóvel até seis horas, e que, retirando-se ligeiramente, vinha pela portinha do jardim encontrar-se com um moço que subia a ladeira e oferecer-lhe modestamente a fronte, onde ele pousava um beijo de amor tão casto que parecia antes um beijo de pai.

Depois, com as mãos entrelaçadas, iam ambos sentar-se a um canto do jardim, onde a sombra era mais espessa, e aí, conversavam baixinho um tempo esquecido: ouvia-se apenas o doce murmúrio das vozes, interrompidas por esses momentos de silêncio em que a alma emudece, por não achar no vocábulo humano outra linguagem que melhor a exprima.

O arrulhar destes dois corações virgens durava até oito horas da noite, quando uma senhora de certa idade chegava a uma das janelas

da casa, já então iluminada, e, debruçando-se um pouco, dizia com a voz doce e afável.

- Olha o sereno, Carolina!

A estas palavras os dois amantes se erguiam, atravessavam o pequeno espaço que os separava da casa e subiam os degraus da porta, onde eram recebidos pela senhora que os esperava.

- Boa noite, D. Maria, dizia o moço.

- Boa noite, Sr. Jorge; como passou; respondia a boa senhora.

A sala da casinha era simples e pequena, mas muito elegante; tudo nela respirava esse aspecto alegre e faceiro que se ri com a vista.

Aí nessa sala passavam as três pessoas de que lhe falei um desses serões de família, íntimos e tranqüilos, como já não os há talvez nessa bela cidade do Rio de Janeiro, invadida pelos usos e costumes estrangeiros.

Os dois moços sentavam-se ao piano; as mãozinhas distraídas da menina roçavam apenas pelo teclado, fazendo soar uns ligeiros arpejos que serviam de acompanhamento a uma conversação em meia voz.

D. Maria, sentada à mesa do meio da sala, jogava a paciência; e quando levantava a vista das cartas, era para olhar a furto os dois moços e sorrir-se de satisfeita e feliz.

Isto durava até à hora ao chá; e pouco depois Jorge retirava-se, beijando a mão da boa senhora, que neste momento tinha sempre uma

ordem a dar e fingia não ver o beijo de despedida que o moço imprimia na fronte cândida da menina.

Agora, minha prima, se quer saber o segredo da cena que lhe acabei de descrever, cena que se repetia todas as tardes, havia um mês, dê-me alguns momentos de atenção, que vou satisfazê-la.

Este moço que designei com o nome de Jorge, e que realmente tinha outro nome, em que decerto há de ter ouvido falar, era o filho de um negociante rico que falecera, deixando-o órfão em tenra idade; seu tutor, velho amigo de seu pai, zelou a sua educação e a sua fortuna, como homem inteligente e honrado que era.

Chegando à maioridade, Jorge tomou conta de seu avultado patrimônio e começou a viver essa vida dos nossos moços ricos, os quais pensam que gastar o dinheiro que seus pais ganharam é uma profissão suficiente para que se dispensem de abraçar qualquer outra.

Temos, infelizmente, muitos exemplos dessas esterilidades a que se condenam homens que, pela sua posição independente, podiam aspirar a um futuro brilhante.

Durante três anos, o moço entregou-se a esse delírio do gozo que se apodera das almas ainda jovens; saciou-se de todos os prazeres, satisfez todas as vaidades.

As mulheres lhe sorriram, os homens o festejaram; teve amantes, luxo, e até essa glória efêmera, auréola passageira que brilha algumas horas para aqueles que pelos seus vícios e pelas